

**“FALCÃO” - MENINOS DO TRÁFICO:
O SUJEITO SOCIALMENTE DESPRESTIGIADO
EM PRÁTICAS DISCURSIVAS PRESTIGIADAS**

Tania Regina Castelliano (UFPB)
taniacastelliano@terra.com.br

APRESENTAÇÃO

Os autores Mv Bill e Celso Athayde, em sua obra *Falcão: Meninos do Tráfico* (2006), descrevem as dificuldades que fizeram parte do dia-a-dia das gravações do documentário Falcão, que teve início em 1998 e terminou em 2006, e trata do universo dos meninos que trabalham no tráfico de drogas em diversas partes do país. Ao mesmo tempo relatam os fatos que ficaram marcados em suas consciências, suas almas e que nesta obra compartilham com o leitor. Movidos pela busca do direito da igualdade e de oportunidades, os autores desejam contribuir para que este país, tão machucado socialmente, deixe para trás a alienação induzida pelo poder hegemônico. Ao fazerem esse triste registro e o trazerem a público, abrem uma discussão sobre segurança pública e o bem estar desta nação.

Mas quem são esses autores, os quais se interessam por essa temática desprezada por muitos? Mv Bill é o *rapper* mais famoso do Brasil. Possui uma importância política e ideologicamente, uma vez que narra através do *rapp* uma viagem devastadora sobre o mundo das drogas e da marginalidade de forma original e familiar. Relata ainda seu compromisso em arregaçar as mangas e se entregar as causas populares. Nascido e criado na Cidade de Deus - onde reside até hoje. É coprodutor e codiretor dos filmes *Falcão – Meninos do Tráfico e Facão* (2006) e *O Bagulho é Doido* (2006). Recebeu a medalha da Unicef (2004) e o título de Cidadão do Mundo pelo seu trabalho de destaque com a juventude. Foi também premiado pela Unesco como um dos *rappers* mais politizados dos últimos dez anos.

Celso Athayde nasceu na baixada Fluminense, mas cresceu na favela do Sapo, em Senador Camará. Tornou-se o mais importante produtor de *Hip Hop* do Brasil, através do projeto Hutúz, criando festivais de cinema, *Hip Hop*, batalhas de MC's, DJ's, B. Boys, seminários, entre outras modalidades de cultura. É co-produtor e co-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

diretor dos filmes *Falcão – Meninos do Tráfico e Falcão* (2006) e *O Bagulho é Doido* (2006). É criador da primeira Liga Brasileira de Basquete de Rua (Libbra) e das Seletivas Estaduais de Basquete de Rua (Sebar) e também é fundador da Central Única das Favelas (Cufa). Ele recebeu o prêmio Orilaxé 2006, na categoria Direitos Humanos – Na linguagem dos povos iorubás, nossos ancestrais africanos; orilaxé quer dizer: “a cabeça tem o poder de realização. (O trabalho social realizado na Cufa). Cuida ainda da agenda de grandes nomes do *Hip Hop* brasileiro, como Nega Gizza e Mv Bill.

O livro dos autores citados permite ser analisado por muitos suportes teóricos. Porém, reuni-se, neste artigo, de modo objetivo a proposta central de cada autor, que é constituída de reflexões, permeadas por várias vozes submetidas à lei de poder do tráfico de drogas, que disponibiliza um rico material para o estudo da linguagem, texto e discurso.

Para penetramos na área do livro em estudo e melhor entendermos a análise posteriormente desenvolvida, segue fragmentos da poesia "O Bagulho é Doido", um dos textos que sintetiza com precisão a narração do autor, ao mesmo tempo em que transmite seu sentimento frente a tudo que vivenciou e em que revela a gente jovem, triste, agressiva, arrependida, feliz e apaixonada pela vida.

O Bagulho é Doido

Sem corte, liga a filmadora e desliga o holofote
Se quer me ouvir permaneça no lugar
Verdades e mentiras tenho muitas pra contar.
Doideira, fogueira, cada noite pra aquecer o escuro da madrugada que envolve o meu viver.
Não sou você. Também não sei se gostaria de ser, ficar trepado no muro se escondendo do furo.
Vai me faltar orgulho
Papo de futuro.
É nós que domina a cena, bagulho de cinema.
A feira ta montada pode vir comprar.
Eu vendo uma tragédia, cobro dos comédias
Dezesseis é a média.
Deus ta vendo, eu acredito.
Sou detrito que tira sono do doutor, seria o Jason se fosse um filme de terror.
Desembaça saia na fumaça, o bonde tá pesado e você ta achando graça.
Tipo peste: ta no sudeste, ta no nordeste, no centro oeste.
Teu pai te dá dinheiro, você vem e investe no futuro da não, compra pó

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

na minha mão, depois me xinga na televisão...
O bagulho é doido não tenta levar uma...
Se eu morrer, nasce outro que nem eu. Ou pior, ou melhor. Se eu morrer, eu vou descansar.
Ah, sonhar... Nessa vida não dá pra sonhar não. Amanhã eu não sei nem se eu vou ta aí.
Veja a ironia, que contradição. O rico me odeia e financia minha munição.
Quem faz faculdade, trabalha no escritório, me olha como se eu fosse um rato de laboratório.
Vem de Cherokee, vem de Kawasaki, deslumbrado com a favela como se tivesse um parque de diversões.
Se junta com os vilões. Se sente por instante Aly Cuzão e os quarenta ladrões.
Se os homens chegassem e nós dois rodasse, somente o dinheiro ia fazer com que eu não assinasse.
Pra você tá tranqüilo, nem preocupa. Sabe que vai recair sobre minha culpa.
Me levam pra cadeia, me transformam em detento.
Você vai pra uma clínica tomar medicamento.
Imaginem vocês se eu fizesse as leis, o jogo era invertido você que era o bandido.
Seria o viciado, aliciador de menor, meu sonho se desfaz igual o vento leva o pó.
Big Brother da vida de ilusão, nós se ama, se odeia, se precisar mandamos pro paredão.
Com bala na agulha.
Cada um na sua.
O meu dinheiro vem da rua, um bom soldado nunca “recua.”
A droga que você usa é batizada com sangue.
É mais financiamento, mais armas, bang-bang...
Tem que roubar, tem que meter as caras na pista
Já vou ficar no lucro se passar de 18.
Depois que escurece o bagulho é doido... Jovem com ódio na cara.
Eu sei pô, que o final vai ser esse. Ou morto ou preso....
Criança? Eu não.
Já me acho menor boladão com a mente criminosa.
O Barato é louco e a adrealina é pura
Às vezes dá vontade de se matar
Às vezes dá vontade de sumir
Às vezes eu fico se perguntando por causa de que eu entrei na boca
A realidade da vida é que o bagulho é doido
A realidade da favela é que o bagulho é doido.

INTRODUÇÃO

“Uma geração, a minha, também desperdiçou alguns sujeitos. Não eram poetas, mas eram vozes epensamentos”. (J.C.Milner, *Les Noms indistincts*. Seuil, 1983)

No esboço da introdução deste estudo, a poesia de Bill, como gênero textual na letra do *rapp* "O Bagulho é Doido", a narrativa vem carregada do sentimento de uma pessoa, representando uma juventude triste, agressiva, revoltada, arrependida, marginalizada, feliz, apaixonada pela vida, onde ele (sujeito) é produto do meio. Revelando ainda a tessitura de vozes que por vezes revelam harmonicamente uma escrita excludente, mas que agrada aos ouvidos dos apreciadores do *Hip Hop*. A multiplicidade de vozes em nosso mundo permite observar uma fala de autoridade e poder na comunicação dos meninos do tráfico. É comum ver nos noticiários televisivos os diálogos entre traficantes, os quais são repletos de códigos, fato que aguça a curiosidade das pessoas que estão fora desta “tribo”. Procurando entender esse discurso, analisa-se o livro *Falcão Meninos do Tráfico* (2006), de Mv Bill e Celso Athayde para mostrar como o gênero diálogo foi construído pelas facções, tornando-se um verdadeiro “idioma” de linguagem e poder do tráfico. Um dos objetivos desse artigo é apontar a conquista ideológica da fala dos meninos do tráfico que vem ganhando espaço geográfico em todo território nacional. A linguagem é uma das armas poderosas com seus signos. Onde o sentido do diálogo e a significação das palavras depende da relação entre essas crianças dentro e fora da comunidade, ou seja, como se constroem na produção e na interpretação dos textos. Para tanto, serão utilizados as propostas de Bakhtin (2006) sobre a linguagem, e as concepções de poder de Michel Foucaut, (2007), de forma a referenciar as bases teóricas que norteiam a análise do *rapp* na obra referenciada.

Outro objetivo desse artigo é revelar que o discurso das crianças do tráfico foge da tradição retórica, mas que está presente na fala cotidiana; que esse discurso é regido por regras e normas que definem o gênero diálogo na comunicação do tráfico; que as formas de produção e sentido da significação têm para os estudos lingüísticos, diversas possibilidades de enfoque no discurso do tráfico.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A análise também visa investigar além de “linguagem e poder” o campo dos enunciados para entender os aspectos sócio-históricos dos diálogos sócio-discursivos de certos sentidos em nossa cultura. Segundo Bakhtin/Volochinov, 1929, p. 124, afirma que:

As relações sociais evoluem em função das infra-estruturas, depois a comunicação e a interação verbal evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos **atos da fala** evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (grifos meus).

Pode-se observar que na obra dos autores acima citados, um destaque relevante é dado no gênero diálogo, pela entonação de ordem e poder, nos atos da fala dos seus entrevistados, que vem marcado na letra do *rapp*, O Bagulho é doído.

“Falcão”, “171”, “157”, “Facção” são termos comuns de serem ouvidos hoje na sociedade brasileira, atrás dos quais existe um mundo de violência e significados. Objetivando-se fazer uma leitura enfocando alguns aspectos linguísticos do livro *Falcão Meninos do Tráfico*, será analisado o gênero diálogo, construído pelas facções, tornando-se um verdadeiro “idioma” do tráfico, o qual é excludente e, ao mesmo tempo, é excluído pelos não participantes desse grupo. Códigos linguísticos que, em sua forma qualitativa e quantitativa, marcam os diálogos do indivíduo dentro das relações de poder do tráfico. Poder que exclui, reprime, recalca, censura, esconde, mascara e mata. Um poder que irá punir. É comum ver nos noticiários televisivos os diálogos entre traficantes, os quais são repletos de códigos e gírias, fato que aguça a curiosidade das pessoas que estão fora deste contexto.

O pensamento expresso pelos autores nesta literatura em estudo não é ficção e sim experiência de coragem vivenciada pelos mesmos, em várias facções de cidades e favelas do Brasil (Jacarezinho, Cidade de Deus, do Sapo etc.). A abordagem do assunto revela a integração dos falcões (crianças) com suas angústias, razões, suas loucuras, seus sonhos, suas maldades, afabilidades e contradições à marginalidade do submundo do tráfico de drogas.

Falcão é o nome dado aos que tem a função de vigiar a favela, munidos de rádio e fuzil para avisar aos traficantes quando a polícia ou outro inimigo está se aproximando da favela. Eles passam à noite

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

acordados para os traficantes não serem pegos de surpresa. Dos 16 personagens centrais, 15 já foram a óbito conforme registra os autores.

Os autores no livro, ainda discutem assuntos como a importância do *Hip Hop*, segurança pública, racismo, repressão policial para a juventude que vive nas favelas. Com isso, pretendem conscientizar os leitores sobre a realidade da comunidade pobre. Nos dando informações, dados e relatos autênticos para podermos refletir quem é o culpado e a vítima nesta triste situação. Um apelo de socorro!

O PODER E A NORMA DO TRÁFICO

Não tenho pretensão de abordar as causas sociais, econômicas e políticas da violência urbana, uma vez que este assunto já vem sendo abordado por outros estudiosos afins. Retomarei o que a teoria dos discursos sociais entende por discurso, envolvendo outras teorias que tratam de significados das palavras para a presente análise.

Faz-se necessário repensar como o código de comunicação do tráfico poderá isolar ou perpetuar-se em todas as classes sociais. Entende-se que esse “dialeto” do tráfico é resultado de uma constante disciplina, presentificada tanto no comportamento como na linguagem. Teoricamente fundamento este estudo em Michel Foucault, (2007), quando afirma que:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (p.143).

Compreende-se que a disciplina no tráfico é aplicada já nas crianças: “Os fiel” (código, pelo qual as crianças são tratadas) são crianças adestradas (treinadas) para uma multiplicidade de tarefas, sob repressão de penalidade fatal caso haja uma ruptura. Tendo seus destinos já traçados, possivelmente se tornarão marginais de alta periculosidade. É um caminho sem volta, como mostram as estatísticas: as crianças que vivem no mundo do tráfico morrem geralmente antes de completar a maioridade. Muitos desses garotos se integram na indústria do crime das drogas para poderem sustentar suas famílias, conseguindo um salário de, no máximo, R\$ 500,00 reais por mês.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Meninos que são desfrutados pela indústria das drogas e dependentes da criminalidade organizada. Segundo Foucault (2007),

Essa criminalidade de necessidade ou de repressão mascara com o brilho que lhe é dado e a desconsideração de que é cercada, outra criminalidade que às vezes causa dela, e sempre a amplificação. É a delinquência de cima, exemplo escandaloso, fonte de miséria de revolta para os pobres (p. 238).

Mas, Falcão não dorme, ele só descansa, explica um deles. A vigilância torna-se um operador econômico decisivo ao mesmo tempo uma engrenagem específica do poder disciplinar. Um código utilizado para avisar que a polícia está chegando é de responsabilidade do fogueiro. A explosão de fogos nas favelas não é festa, mas sinal de terror, morte, medo, armas, polícia e correria. Sinal de perigo. Assim como na época clássica, eram construídos os “observatórios”, o tráfico tem seus olheiros e fogueiros, permitindo um controle do alto com seu arsenal de armas. A vigilância técnicas do século XVIII deve-se às normas do poder. O poder disciplinar, integrado que funciona como uma máquina humana. Assim como no tráfico, a disciplina é sustentada pelo seu próprio mecanismo e pelo jogo ininterrupto dos olhares dos Falcões.

Na história nada surge agora, sempre vai haver um passado. Sempre haverá uma luta entre forças absolutas como Bem e o Mal, entre a cidade e seu pesadelo da criminalidade do asfalto, que estimula uma relação entre o mito e a história recente, o antes e o depois, o “eles” e o “nós”.

O CÓDIGO E NORMAS DO TRÁFICO DE DROGAS

Um código utilizado para avisar que a polícia está chegando é da responsabilidade do fogueiro. A explosão de fogos nas favelas não é festa, mas sinal de terror, morte, medo, armas, polícia e correria. Sinal de perigo. O tráfico de drogas tem seus olheiros e fogueiros, que controlam o território do alto do morro com seu arsenal de armas. Para Foucault (2007), na obra *Vigiar e Punir*, escrita 1975 “o poder é uma teia invisível” e a relação do poder está presente nas facções do tráfico de drogas e é exercido. Como afirma o filósofo “o poder é multiplicador: eu controlo e o outro me controla.” A sociedade cumpre o papel de bode expiatório no momento em que polici-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ais fazem apreensão a usuários como verdadeiros criminosos e não aos traficantes de drogas. Uma **infração** do usuário que é levado à condenação moral da sociedade além da condenação da “lei” (Lei 11.343 do Código de Processo Penal, que entrou em vigor 08/10/2006). Mas que **lei** é esta regida pelos chefes das facções do tráfico de drogas que vai da tortura à execução, que vem de cima para baixo – hierarquicamente do chefe da facção até chegar no “fiel”-os meninos do tráfico? Para Michel Foucault (2007, p. 41).

A infração, segundo o direito da era clássica, além do dano que pode eventualmente produzir, além mesmo da regra que infringe, prejudica o direito que faz valer a lei: Mesmo supondo que não haja prejuízo nem injúria ao indivíduo, se foi cometida alguma coisa proibida por lei, é um delito que exige reparação, porque o direito do superior é violado e é injuriar a dignidade do seu caráter.

Mas quando o bode expiatório é o próprio Mv Bill, (2006, p. 207), o autor do livro, que comete infração? Relata Bill: “Pode ser que eu esteja enganado, pode até ser que a polícia tenha mudado. Mas imagino que, no momento em que você lê essas linhas escritas por mim, estejam, em nome dos bons costumes e da família, me processando por apologia ao crime”. Em seu relato em comemoração a festa de Natal do ano 2000, ele apresenta na Cidade de Deus, bairro do Rio de Janeiro em que mora, o clipe *Soldado do Morro* para mais de vinte mil pessoas que participavam da festa do bairro, passando imagens capitadas da sua viagem pelo Brasil. Um reporte da rede Globo de TV, filma as imagens do clipe que estavam sendo projetadas no telão. No dia seguinte elas viram manchetes pela emissora de TV. A partir daquele momento, Bill se tornou o sujeito mais procurado do Brasil, pois as imagens que foram ao ar, eram as das armas utilizadas pelas crianças do tráfico – “Os Falcões”. Segundo Bill, (2006, p. 208).

A polícia, por sua vez, fez o seu papel. Se limitou a tentar prender o rapaz que a Globo disse que não prestava. Se não disse, induziu e insistiu durante a programação. Ali, pude ver a força da mídia, o quanto ela me sufocava. A **lei** não pune pela convicção, mas se guia pelo calor da mídia. Ela é quem dita às regras de quem deverá ser preso. Eu era o procurado da vez.

A infração à lei (normas de poder regidas pelas facções) revela a força do poder do tráfico. O direito de punir e o descaso das au-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

toridades sobre um poder de vida ou morte levam o Brasil a discutir se Bill, o bode expiatório, era bandido ou não.

DIÁLOGO

O gênero diálogo no discurso, por conseguinte, comunicação verbal tem um enredamento de significações que não distancia a nossa compreensão de linguagem como se observa no diálogo abaixo narrado entre Bill e Betinho:

Bill: E no crime, você conseguiu o quê?

Betinho: Nada. [...] No crime eu não arrumei nada. Só prejuízo mermo: cadeira de rodas,

19 anos na cadeira de roda. [...] Mas eu sofri a pampa irmão. Fiquei doze anos sem visita sem nada. Tive que correr atrás lá dentro. Ai tu vê onde que é o crime, irmão. Ali na cadeia que eu aprendi a mexer com drogas, porque antes de eu ficar na cadeira de rodas eu era 157, eu era assaltante, nunca tinha mexido com drogas. Antes eu nem cheirava. Ai você vai pra cadeia, você se torna mais criminoso. Ali tu vai aprendendo, é uma escola... Quando o cara sai da cadeia, o cara sai neurótico. O cara sai com o maior marra de bandido. Cadeia é foda, irmão. (Bill e Athayde, 2006, pp. 219, 221).

Segundo Mikhail Bakhtin (1997) o conceito de linguagem vai de encontro a uma visão de mundo e não a uma tendência lingüística, “onde a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico” (*apud* Brait, 1994, p. 11). Essa linguagem foge da tradição retórica, porém está sendo incorporada às falas cotidianas da sociedade dominante.

O discurso dessa comunidade em estudo é regido por regras e normas que definem um gênero na comunicação do tráfico, que propaga aos possíveis receptores ou a terceiros reforçados sua ideologia e concepção de mundo, onde valores são estabelecidos e outros rompidos.

A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor, segundo Bakhtin (1992, p. 113). A interação verbal é estabelecida no centro das relações sociais. Para exemplificar, vejamos essa noção de palavra no relato de Mv Bill, que chegou a ser preso e agredido pelos

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

policiais durante seu documentário, pois ele estava no território dos traficantes, quando a polícia chegou para cumprir seu dever. *“Levei porrada. Mas nem denunciei porque estava no lugar errado e com as pessoas que eles consideravam erradas.”*

Errado é a palavra território entre eles. Aqui está uma relação de polícia, traficante e documentarista (mas para os policiais ele era mais um elemento do tráfico). Nessa relação social, o conceito da palavra “errado” é comum entre eles e estabelece uma comunicação. Pois Bill não denunciou à polícia porque compreende a posição dos policiais, logo do que é errado para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que se um dia eu pedi para nascer (?) (!), não me deram o direito de escolher meus pais, minha cor, minha raça, minha religião, pobreza ou riqueza. Por tanto me dêem somente a chance de ter dignidade!

Que esse trabalho possa contribuir com o aluno-leitor, o leitor autônomo o reconhecimento de uma reflexão da leitura em uma atividade social, sócio econômica do tráfico de drogas presente no nosso cotidiano. Que esta reflexão da leitura nos permita uma mudança em relação ao outro e com o mundo, conscientizando assim a sociedade desta dura e crua realidade: a criminalidade. Faz-se necessário uma política escolar para resgatar os que ainda sobreviverem ao genocídio do tráfico.

O que uma palavra significa para mim poderá não ter o mesmo significado para outra pessoa. Cada enunciado é único embora as palavras se repitam, elas ganham novos significados cada vez que reaparecem na comunicação.

Através da letra do *rapp* "O Bagulho é Doido", expressões utilizadas nos permitem observar este dinamismo da linguagem e a riqueza linguística deste código embora marginalizado. Certas expressões vêm saindo do território da comunicação do tráfico para a comunicação geral da sociedade. Por fim, ressalta-se que este é um campo muito rico para o estudo da linguagem. Neste artigo, apenas apontam-se alguns aspectos que merecem ser aprofundados.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Celso e BILL, Mv. *Falcão – Meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BRAIT, Beth. *Bakhtin, Dialogismos e construção do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007.